

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

TIAGO BARROSO SOUZA

**O *PODCAST* "TRADIÇÃO REVOLUCIONÁRIA" COMO MATERIAL DIDÁTICO
NO ENSINO DA HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ-BISSAU**

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SOUZA, Tiago Barroso.

O PODCAST "TRADIÇÃO REVOLUCIONÁRIA" COMO MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DA HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ-BISSAU : / Tiago Barroso SOUZA. - 2017.
37 f.

Orientador: Elaine Ribeiro da Silva dos SANTOS
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História da África, 2017.

1. material didático. 2. música. 3. Guiné-Bissau. 4. podcast. 5. Super Mama Djombo. I. SANTOS, Elaine Ribeiro da Silva dos, orient. II. Título.

TIAGO BARROSO SOUZA

**O *PODCAST* "TRADIÇÃO REVOLUCIONÁRIA" COMO MATERIAL DIDÁTICO
NO ENSINO DA HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da África - Pós-Afrikas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção de título de Especialista em História da África.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Ribeiro da Silva dos Santos

Juiz de Fora

2017

Agradecimentos

Se não fosse pela contribuição da professora Dra. Elaine Ribeiro da Silva dos Santos eu não teria desenvolvido este trabalho de conclusão de curso. Ela soube aconselhar sem impor, corrigir com humildade, mostrar urgência sem causar desespero e estar presente sempre, mesmo na ausência física. O seu amor pelo que faz não precisa ser dito, fica exposto para quem tem oportunidade de assistir às suas aulas ou ter a sua orientação. Eu tive a oportunidade de vivenciar os dois, e por isso, agradeço imensamente. Estendo o meu agradecimento a seu marido, Márcio Granado, que com o seu conhecimento tecnológico permitiu que as ideias e pesquisas se transformassem no *podcast*.

Agradeço à professora Dra. Fernanda do Nascimento Thomaz, coordenadora do curso de Especialização em História da África – Pós-Afrikas. Cujo os esforços em erguê-lo e mantê-lo, me inspiraram e fizeram com que eu valorizasse o curso ainda mais. Ao Programa de Pós-Graduação em História da África - Pós-Afrikas pela oportunidade de ter aprofundado o meu conhecimento em História da África.

Agradeço aos meus pais, Silvia Barroso e Martinho Ribeiro de Souza pelo amor incondicional ao longo da minha criação. Todo o os agradecimentos que lhes devo serão poucos para expressar como foram importantes na minha vida. À minha irmã, Natália Barroso Souza, que apesar das brigas constantes na adolescência, hoje somos maduros o bastante para saber que nos amamos.

Agradeço à minha namorada Marcelle Elias Rodriguez por todo o amor que dedicou a mim. Me ajudando não só com a parte técnica do trabalho, mas também, com toda a sua preocupação em propiciar momentos de conforto físico e psicológico para que eu pudesse concluí-lo. À minha querida sogra Luciane Rodriguez por ter me dado a cafeteira responsável por me manter acordado em algumas ocasiões durante o trabalho.

Agradeço ao meu primo Leonardo Nascimento Menezes e a Guilherme Jacinto Schneider, pelo companheirismo e oportunidade de morar em Juiz de Fora. Oportunidade que permitiu que eu cursasse esta pós-graduação. Ao Gabriel Gouvêa e José Nascimento, primos sempre saudosos.

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar o *podcast* "Tradição revolucionária" como material didático de História para turmas do primeiro ano do Ensino Médio. O *podcast* apresenta a história do grupo musical Super Mama Djombo e seu envolvimento no processo da luta pela independência e formação nacional da Guiné-Bissau. Com esse material didático pretendemos demonstrar a viabilidade e justificar a importância do trabalho com a música na sala de aula e no ensino da História da África. Desta forma, apresentamos a possibilidade do professor de História, em uma oficina de produção de *podcast*, trabalhar com seus alunos o contexto da luta de libertação guineense e contribuir para ampliação do conhecimento deste processo a partir da pesquisa, redação de uma lauda radiofônica e edição do *podcast* sobre a cultura musical guineense veiculada pelo grupo Super Mama Djombo.

Palavras-chave: material didático, música, Guiné-Bissau, *podcast*, Super Mama Djombo.

Abstract

This course completion work aims to present the podcast "Revolutionary Tradition" as didactic material of History for classes of the first year of high school. The podcast features the history of the musical group Super Mama Djombo and its involvement in the struggle for independence and national formation in Guinea-Bissau. With this didactic material we intend to demonstrate the feasibility and justify the importance of working with music in the classroom and teaching the History of Africa. In this way, we present the possibility of the History's teacher, in a podcast production workshop, to work with his students on the context of the Guinean liberation struggle and contribute to broadening the knowledge of this process through research, writing a radio show and editing the podcast about Guinean music culture broadcast by the group Super Mama Djombo.

Keywords: teaching material, music, Guinea-Bissau, podcast, Super Mama Djombo.

Sumário

Introdução	8
1. O grupo musical Super Mama Djombo no contexto da independência da Guiné-Bissau	9
2. A música e as tecnologias como ferramentas do ensino de História	13
3. Informações técnicas sobre a produção do <i>podcast</i> "Tradição revolucionária"	15
Considerações Finais	16
Referências bibliográficas	16

Introdução

O material didático entregue consiste em um podcast,¹ cujo conteúdo narra a história do grupo musical guineense Super Mama Djombo e apresenta algumas de suas músicas. Acreditamos que o podcast poderá propiciar uma oportunidade para tratarmos um pouco sobre o processo de independência da Guiné-Bissau em relação à sua antiga metrópole, Portugal. Como veremos, o grupo faz parte desse contexto.

O nome do podcast gravado é “Tradição Revolucionária”. A escolha por este nome se deu por ele derivar do fato de a tradição ter sido uma das armas utilizadas pelos independentistas contra os colonizadores, como será discutido no decorrer deste trabalho. Além disso, consideramos o nome provocativo, pois é quase um consenso que a tradição é algo imutável, não passível de estar ligada a uma palavra que tem o significado de transformação, como é o caso de "revolução".

O formato do podcast entregue alterna entre conteúdo narrado e música durante sua execução. A música colocada apenas no começo do programa, com o conteúdo falado após, a deixaria sem contexto. Ela sendo colocada apenas no final do programa, após o conteúdo falado, poderia dar a impressão de que ela não possui a mesma importância do que a fala. Além de mostrar que a música é parte integrante do conteúdo que se pretende expor, deixa-la presente durante a execução da fala dinamiza o trabalho fazendo-o mais atraente.

Pretendemos com o material didático apresentado uma ampliação do conhecimento dos alunos do 1º. ano do Ensino Médio sobre a história da África, mais especificamente, sobre o processo de independência da Guiné-Bissau. Ao mesmo tempo, desejamos que sirva como inspiração e modelo para outros professores desenvolverem com seus alunos uma oficina a respeito das temáticas africanas. A oficina consistirá em fazer com que os alunos produzam o seu próprio podcast sobre música africana. A nossa ideia é leva-los a estudar sobre música de determinado país ou região da África, com foco em um grupo musical ou artista; ampliando o estudo para o contexto histórico e a sociedade onde os músicos estiveram inseridos.

¹ *Podcast* (palavra inglesa) substantivo masculino. Arquivo áudio ou multimídia, divulgado com periodicidade regular e com conteúdo semelhante ao de um programa de rádio, que pode ser descarregado da Internet e lido no computador ou em dispositivo próprio. Disponível em: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. <https://www.priberam.pt/dlpo/podcast> Acesso em: 24-12-2016.

Após o estudo e a coleta de materiais, os discentes serão orientados na construção do podcast, tendo o do material didático apresentado neste trabalho de conclusão de curso como modelo. Os podcasts poderão ser construídos através de aplicativos de celular ou por programas de computador. A maneira de se construir um podcast é mostrada no terceiro capítulo deste texto. Portanto, a oficina se ancora como uma complementação deste material didático, podendo o professor fazer do resultado da oficina um material didático, que poderá ser divulgado para outras turmas da escola e até mesmo para fora dela, através de discos compactos e da internet, por exemplo.

1. O grupo musical Super Mama Djombo no contexto da independência da Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau é um país da África Ocidental, que possui o Crioulo² como língua nacional e a Língua Portuguesa como oficial.³ O país é banhado pelo oceano Atlântico, faz fronteira com o norte de Senegal e sul/leste de Guiné-Conacri. A superfície total é de 36.125 km² e possui 1 milhão 704 mil habitantes. Sua capital e maior cidade é Bissau (TÉ, 2016). O país está atualmente entre os oito do mundo que adotaram o português como língua oficial e que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, CPLP.⁴

A Guiné-Bissau se tornou capitania de Portugal em 1753. Após uma guerra com duração de 10 anos ela conquista sua independência em 1974, tornando-se a primeira colônia portuguesa a se libertar da metrópole (TÉ, 2016).

² Segundo Filomena Embaló, o crioulo falado na Guiné-Bissau é "um crioulo de base portuguesa, com uma gramática e léxico próprios. Surgiu do contato do português com as línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre os europeus e os africanos, mas também entre estes próprios, dada a diversidade linguística da região. Ele ter-se-ia formado entre o fim do século XVI e início do século XVII. No entanto, as opiniões divergem quanto ao local onde ele teria surgido. Para uns (Naro, 1978) teria sido em Portugal com a ida de escravos negros para lá ainda no século XV. De lá teria "emigrado" para a África. Outros estudiosos defendem que o berço da língua crioula foi Cabo Verde, como Peck (1988) e Kihm (1994) e, por fim, uma terceira corrente considera que foi na Guiné que ele se formou (Rougé, 1986)". (EMBALÓ, 2008, p. 102).

³ O português está presente na educação, em fóruns internacionais e administrativamente em órgãos públicos por exemplo, enquanto o crioulo é a língua que permite com que diferentes etnias se comuniquem na Guiné-Bissau, dando a ela o estatuto de língua de unificação nacional ou simplesmente língua nacional. (EMBALÓ, 2008)

⁴ O relato sobre a formação da CPLP pode ser lido em: <http://www.cplp.org/id-2752.aspx> Acesso em: 14 jan. 2017.

O processo da luta armada de independência iniciou a partir do massacre de trabalhadores no porto de Pindjiguiti, em 1959.⁵ A violência praticada pelos portugueses fez com que aumentasse na população um sentimento de nacionalismo e consequente apoio à causa da independência (TÉ, 2016, p. 93). A partir de então, o Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), criado por Amílcar Cabral, em 1956, tornou-se o responsável pelas táticas de luta armada contra os colonizadores portugueses.⁶

Amílcar Cabral era um pensador de inspiração marxista que sabia que a economia era uma fonte importante para entender a sociedade, mas que também via na cultura uma força capaz de influenciar a própria economia e as ambições de classe na sociedade. Melhor dizendo, Cabral percebia a possibilidade das pessoas de uma mesma classe social possuírem diferentes ambições de acordo com seu contexto cultural (CABRAL, 2010). Esta forma de pensar fazia de Cabral alguém desejoso de construir uma nação política e econômica na Guiné-Bissau aos moldes ocidentais,⁷ sem com isso perder de vista a importância de preservar e valorizar as tradições locais (TÉ, 2016, p. 93).

Por isso, ao pensar um projeto de nação, Cabral temia tanto a alienação do povo africano referente à sua própria cultura, pois para ele: “A cultura, sejam quais forem as características ideológicas ou idealistas das suas manifestações, é assim um elemento essencial da história de um povo. É talvez a resultante dessa história como a flor é a resultante de uma planta” (CABRAL, 2010).

Portanto, Cabral percebia a cultura como fator fundamental na luta de libertação, pois via que o povo colonizado quando valorizava sua própria cultura tendia a negar a cultura do colonizador. Nas suas palavras: “Sejam quais forem as condições de sujeição de um povo ao domínio estrangeiro e a influência dos fatores econômicos, políticos e sociais na prática desse domínio, é em geral no fato cultural que se situa o germe da contestação, levando à estruturação e ao desenvolvimento do movimento de libertação” (CABRAL, 2010).

⁵ "No dia 03 de agosto de 1959, os marinheiros/estivadores do Cais de Pindjiguiti, descontentes com a situação de trabalho, juntaram-se para reivindicar seus direitos de aumento de salário frente aos colonialistas. Este confronto foi carregado de tensão, já que os guineenses também estavam desgastados com a prática colonial exploratória e os portugueses, pressionados, resistiam às ponderações e negociações. Dessa forma, o encontro foi marcado por extrema violência por parte dos portugueses armados que massacraram os 50 marinheiros que lutavam por seus direitos". (TÉ, 2016, p. 36 a 37)

⁶ Super Mama Djombo e o espírito da revolução. 2015. Disponível em: <<https://cancioneirodaresistencia.wordpress.com/tag/super-mama-djombo/>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

⁷ Segundo Júlio Té (2016, p.92), Cabral queria transformar “radicalmente a estrutura da economia e do Estado pós-colonial, mantendo sempre os objetivos de espírito socialista de construção do Estado pós-colonial da Guiné e de Cabo-Verde”.

Amílcar Cabral, principal líder da luta de independência da Guiné-Bissau, não pôde ver o resultado do seu trabalho e de tantos outros que o acompanhavam, pois foi assassinado antes disso, em 20 de janeiro de 1973.⁸

Assim, concordamos com o argumento de Júlio António Aponto Té (2016, p. 92): “a luta da libertação conseguiu implementar o seu objetivo (a conquista da independência) somente porque utilizou a música e a mídia (rádio) como estratégias essenciais tanto de combate quanto de mobilização das populações locais”.

Uma das entrevistadas de Té (2016, p. 74), para a sua dissertação de mestrado intitulada *Música, Mídia e Identidade Nacional na Guiné-Bissau: da Revolução Armada à Independência*, foi a ex-combatente do PAIGC chamada Binto Nanque, que "foi musicista, enfermeira da luta de libertação, e atualmente é governadora da região de Quinará". Binto salientou que todas as músicas feitas durante a luta de libertação eram ricas de significados, devido à conjuntura política que o país enfrentava naquele momento.

Disse Binto (em Crioulo): “Kada música i tene si Significadu, portantu pa mi tudu i igual” (toda a música tem seu significado, portanto para mim todas são iguais). Esta afirmação não quer atribuir diferentes valores às diversas músicas. Para ela, o processo da comunicação da música não se limitou a animar ou encorajar os guerrilheiros do PAIGC, mas sim estabeleceu também um ponto de conexão entre o povo guineense e o povo cabo-verdiano.

Binto ainda nos informou que a música era um elemento fundamental para os combatentes, pois a música funcionava como um suporte das estratégias utilizadas por Amílcar Cabral, que tinham como objetivo transmitir informações do partido e inclusive, por vezes, despistar os inimigos (TÉ, 2016, p. 74).

Super Mama Djombo faz parte deste contexto. O conjunto musical foi formado em 1968, durante a Guerra pela Independência da Guiné-Bissau que durou de 1963 a 1974, em um acampamento de escoteiros (com o mais novo dos membros tendo apenas seis anos). Com Gonçalo, Zé Manel e Herculano fazendo parte da sua formação. Mais tarde irão integrar o grupo Luís Taborda, Djon Kortel e Hanso, seguidos de Chico Caruca, Dixon e Jorge Medina (VOZ DA GUINÉ, 2016). O nome do grupo deriva de um espírito que os guineenses acreditavam que os defendiam durante as batalhas contra os portugueses, chamado Mama Djombo (CANCIONEIRO DA RESISTÊNCIA, 2015).

⁸ A discussão sobre a autoria do assassinato de Amílcar Cabral é abundante na internet, alguns portais de notícias chegam a questionar se a responsabilidade de tal ato seria da inteligência portuguesa ou de membros do próprio PAIGC. Hoje na História: 1973 - Guiné-Bissau declara independência de Portugal. **Opera Mundi**. São Paulo, 24/09/2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/31408/hoje+na+historia+1973++guine-bissau+declara+independencia+de+portugal.shtml>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

Em 1974, Adriano Atchutchi aceitou entrar para o conjunto na condição de poder reestruturá-lo. Assim, o Super Mama Djombo além de contar com canções mais engajadas e profundas feitas por Atchutchi, inseriu novos membros e passou a tocar músicas com características próprias guineenses, sem influência estrangeira, com o conjunto a partir daí ganhando “status” de orquestra (VOZ DA GUINÉ, 2016).

No pós-independência, Luís Cabral, irmão de Amílcar, como presidente da Guiné-Bissau, escolheu a Super Mama Djombo para lhe acompanhar em países como Angola, Moçambique, Cabo Verde e Portugal. Seu intuito era mostrar a nova identidade nacional do país a partir da música (AFRICORIGINAL, 2012, tradução nossa). Este fato evidenciou a importância do conjunto como representante da cultura nacional guineense.

Em novembro de 1980, um golpe de estado tirou Luís Cabral da presidência e com isso o grupo Super Mama Djombo, que nas letras de suas músicas já vinha protestando contra problemas políticos na Guiné-Bissau, passou a ser depreciado pelo novo governo e alguns de seus membros perseguidos politicamente. Além disso, a intenção de alguns membros em seguir carreira solo, fez com que a orquestra terminasse em 1986. Super Mama Djombo voltou a se reunir e a gravar em estúdio nos anos 2000, participando desde então esporadicamente de festivais (AFRICORIGINAL, 2012, tradução nossa).

Como podemos ver, o Super Mama Djombo cumpriu o papel de fazer com que a nação guineense valorizasse e compartilhasse uma cultura em comum. O grupo esteve presente quando os combatentes buscavam algo que os ajudassem a encarar o campo de batalha e também quando se buscava firmar uma cultura própria guineense. Portanto, participaram ativamente do processo de independência e de construção da nação guineense. Provavelmente isso se deu pela banda ter como estilo musical o Gumbé, tradicional da Guiné-Bissau, e cantar as letras de suas músicas em crioulo. Segundo Té (2016, p. 66),

(...) o crioulo tinha sido escolhido dentro de um universo de mais de trinta línguas como principal língua de veicular tanto informações do cotidiano, quanto ideias políticas, além de ter sido utilizado na linguagem musical.

2. A música e as tecnologias como ferramentas do ensino de História

Como foi exposto acima, apresentar a história da orquestra Super Mama Djombo é tratar da história do processo de libertação da Guiné-Bissau: através de sua história podemos aprofundar o nosso entendimento sobre o contexto em que estavam inseridos.

Esta constatação nos ajuda a justificar o uso da música como ferramenta didática na construção do conhecimento histórico. Além disso, entendemos que pode haver uma importante contribuição para o estudo das sociedades africanas, pois raras são as vezes em que elas são estudadas para além do contexto do tráfico de escravizados.

Cabe ressaltar ainda que as canções do Super Mama Djombo foram interpretadas por nós como totalidade e materialidade. Totalidade por abranger tanto aspectos poéticos como políticos e materialidade por possuir uma penetração social marcante. Ou seja, elas são passíveis de leitura e estão ligadas às influências da realidade social, o que permite também a socialização desta leitura aos estudantes (D'EUGÊNIO; AMARAL; BORJA, 1986, p. 181). Este processo pode permitir que os alunos percebam as diferentes configurações que o espaço e o tempo podem propiciar no processo intelectual na criação das músicas. Desta forma, o professor pode ir além de uma história factual e promover uma aproximação dos alunos com as experiências dos indivíduos no passado, conhecer suas percepções, modos de agir e sentimentos em relação ao que viviam (ABUD, 2005, p. 316) e o ensino de história, especialmente no ensino médio, poderá ficar mais atrativo, no sentido que Moreira, Santos e Coelho (2014, p. 50) nos apresenta:

Muitos são os jovens e adultos que quando são alunos, já possuem uma história de exclusão e chegam muitas vezes na escola com indisposição para uma participação positiva em aula, que o levaria a um melhor aproveitamento escolar. Se isso ocorre, e há formas comprovadas de reduzir a agressividade, porque não usá-las?

A nossa proposta de uma oficina de podcast com os alunos do 1º ano do ensino médio objetiva dinamizar o ambiente escolar. Promovendo a pesquisa entre os alunos, para a produção do podcast, possibilita conhecer melhor a história da África através de músicas e artistas, as regiões de onde eles são e a história das sociedades dessas regiões. Acreditamos que este tipo de trabalho pode ser realizado e tornar-se significativo entre os alunos, porque promove atividades e aulas diferenciadas.

A oficina de podcast é possível de ocorrer porque a gravação e edição de um programa deste tipo podem ser feitas em aparelhos celulares, que tantas vezes são inibidos na escola, pois existem alguns aplicativos que podem ser adquiridos gratuitamente, e assim os celulares podem se transformar em uma ferramenta de auxílio na aprendizagem e fornecer um espaço para que estas e outras tecnologias, tão comuns na vida do estudante, possam ser usadas no processo de conhecimento, fugindo da defasagem temporal que persiste em muitas escolas. Portanto, pode-se produzir um resultado final que inova não só pelo seu conteúdo, mas também pela sua atratividade de não estar restrita ao ambiente escolar.

A atratividade em levar os estudantes a trabalharem com essa temática consiste ainda na música ser

(...) uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem-estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão. Pode até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos. (Moreira, Santos e Coelho, 2014, p. 42)

Tendo em vista também que quando os alunos são levados a produzirem algo baseado naquilo que aprenderam, eles tendem a agregar o conhecimento adquirido de forma mais eficaz, como propõe Katia Maria Abud a partir dos conceitos de formação e informação de Jean Peyrot:

A informação pode ser definida como um pensamento que existe em algum lugar, no tempo e no espaço, e a formação como uma série de ações que apontam para um resultado. (...) a formação, só pode ocorrer quando a informação recebida se relaciona com um conjunto individual de esquemas e de estruturas mentais, que transforma a informação em conhecimento, em novos esquemas e novas estruturas que irão enriquecer o repertório cognitivo ou simbólico daquele que aprende. (ABUD, 2005, p. 311).

Desta forma, a informação por si só é um saber não construtivo, que não gera conhecimento e que muitas vezes pode ser esquecida. Nas escolas que ainda seguem a vertente tradicionalista, a informação é colocada à frente da formação no processo de ensino. Levar os alunos a construir um podcast com as *informações* que obterão sobre determinadas músicas e regiões africanas, visa transformá-las “em uma série de ações que apontam um resultado”. Ou seja, transformar as informações pesquisadas pelos alunos em *formação*. Isto pode fazer com que a informação pesquisada se relacione com um conjunto

individual de esquemas e de estruturas mentais e torne-se conhecimento, novos esquemas e novas estruturas que irão enriquecer o repertório cognitivo e simbólico do aluno. Acreditamos que isso será realizado ao usarem todas as informações adquiridas na construção do podcast, propiciando sua transformação em conhecimento e resultado.

3. Informações técnicas sobre a produção do *podcast* "Tradição revolucionária"

Para a produção do *podcast* "Tradição revolucionária", além das informações sobre o grupo musical Super Mama Djombo pesquisadas em *sites da internet*, os quais estão referenciados no final deste trabalho, utilizamos a plataforma *YouTube* para coletar as músicas do grupo que apresentamos no programa gravado. São elas:

- Sol maior para comandante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vpAD7q5RIbc> Acesso em: 15 jan. 2017.
- Cambança Djombo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ww4mEwTQAf0> Acesso em: 15 jan. 2017.
- Seiango. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Pp6_90RU-kc Acesso em: 15 jan. 2017.

Os *softwares* de computador utilizados para a gravação do podcast "Tradição Revolucionária" foram:

- TextAloud: usado para transformar o texto escrito em áudio e produzir a narração do podcast. Algumas funções gratuitas desse programa estão disponíveis em: textaloud.br.uptodown.com/Windows Acesso em: 15 jan. 2017.
- Audacity: usado na captação das músicas e na edição do podcast. É possível ter acesso a este *software* nos seguintes *sites*: <http://www.audacityteam.org> e <http://www.baixaki.com.br/download/audacity.htm> Acesso em: 15 jan. 2017.

O áudio da entrevista de Zé Manel, um dos integrantes do grupo Super Mama Djombo, utilizado no podcast foi captado do seguinte *site*:

www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2014/05/referencia-na-guine-bissau-musico-celebra-na-onu-a-lingua-portuguesa/#.WHo8m1MrLiq Acesso em: 15 jan. 2017.

Considerações Finais

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo apresentar o *podcast* Tradição Revolucionária como material didático de História para as turmas do 1º ano do ensino médio. O *podcast* apresenta a história do grupo musical Super Mama Djombo, perpassando pela história da independência na Guiné-Bissau, contexto de surgimento e atuação do grupo. Escolhemos trabalhar com a música no material didático, pois além do seu benefício na aprendizagem mostrado ao longo deste texto, apresenta aos docentes novos temas e novas maneiras de se ensinar a História da África. Para isso, recomendamos uma oficina de criação de *podcast*.

Esperamos, portanto, que esse trabalho propicie novas possibilidades em relação ao ensino de História da África, tantas vezes reduzida à história da escravidão. Onde mesmo assim, é uma história mais preocupada em narrar um capítulo da história europeia do que narrar a história africana. A história musical da Guiné-Bissau traz ainda nuances que não puderam ser tratadas aqui devido aos objetivos do trabalho. Abrindo portas ainda para possibilidades futuras de um aprofundamento sobre o tema.

Um adendo ainda para o crescimento pessoal em conhecer uma história até então desconhecida por mim, mesmo após eu ter cursado uma Especialização em História da África. Mostrando que as possibilidades de aprendizagem sobre a este continente são inúmeras. Penso então na quantidade de conhecimento que os alunos de nossas escolas não estão tendo acesso. Enfim, esse trabalho de conclusão de curso, junto com tantos outros, busca mudar isso.

Referências bibliográficas

ABUD, Katia Maria. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de História. **Ensino de História: Novos Horizontes**, Campinas, v. 25, p.309-3017, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a04v2567.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

AFRICORIGINAL. Super Mama Djombo. 2012. Disponível em: <<http://afrooriginal.blogspot.com.br/2012/05/super-mama-djombo.html>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

CABRAL, Amílcar. **Libertação nacional e cultura**. 2010. (Texto original de 1970). Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/mukanda/libertacao-nacional-e-cultura>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

CANCIONEIRO DA RESISTÊNCIA. Super Mama Djombo e o espírito da revolução. 2015. Disponível em: <<https://cancioneirodaresistencia.wordpress.com/tag/super-mama-djombo/>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

D'EUGÊNIO, Marcos Francisco Napolitano; AMARAL, Maria Cecília; BORJA, Wagner Cafagni. Linguagem e Canção: uma proposta para o ensino de História. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 713, n. 9, p.177-188, 1986. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=28>. Acesso em: 09 jan. 2017.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/> Acesso em: 09 jan. 2017.

EMBALÓ, Filomena. O Crioulo da Guiné-Bissau: Língua Nacional e Fator de Identidade Nacional. **Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 18, n. 6, p.101-107, 2008. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/issue/view/160>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

Hoje na História: 1973 - Guiné-Bissau declara independência de Portugal. **Opera Mundi**. São Paulo, 24/09/2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/31408/hoje+na+historia+1973+-+guine-bissau+declara+independencia+de+portugal.shtml>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

MOREIRA, Ana Cláudia; SANTOS, Halinna; COELHO, Irene. A Música na Sala de Aula: a música como recurso didático. **Unisanta Humanitas**, Santa Cecília, v. 31, p.41-61, 2014. Disponível em: <periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/download/273/274>. Acesso em: 09 jan. 2017.

TÉ, Júlio António Aponto. **Música Mídia e Identidade Nacional na Guiné-Bissau: Da Revolução Armada à Independência**. Marília, 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP.

VOZ DA GUINÉ. Os Grandes Conjuntos. 2016. Disponível em: <<http://vozdaguine.com/os-grandes-conjuntos/>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA**

TIAGO BARROSO SOUZA

PORTFÓLIO: ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Juiz de Fora

2017

TIAGO BARROSO SOUZA

PORTFÓLIO: ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da África - Pós-Afrikas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção de título de Especialista em História da África.

Juiz de Fora

2017

Resumo

O presente portfólio foi escrito com o objetivo de ao longo do curso de Especialização em História da África pudéssemos acompanhar nosso processo de desenvolvimento acadêmico. Sendo ele próprio parte importante nesse desenvolvimento. Inicialmente será mostrada a razão que me levou a fazer parte do curso. Depois apresento como o curso tem feito modificações em mim, mesmo eu não podendo exercer o que aprendi no curso profissionalmente. O portfólio apresenta ainda uma proposta de prática pedagógica no ambiente escolar.

Palavras-chave: portfólio, História da África, memória, intervenção.

Abstract

The present portfolio was written with the objective of throughout the course of Specialization in History of Africa we could accompany our process of academic development. Being itself an important part in this development. Initially will be shown the reason that led me to be part of the course. Then I present how the course has made modifications in me, even though I can not carry out what I have learned in the course professionally. The portfolio also presents a proposal of pedagogical practice in the school environment.

Keywords: portfolio, history of Africa, memory, intervention.

Sumário

1ª parte: Histórias de vida de memória	23
2ª parte do portfólio: Repensando a Aprendizagem	25
3ª parte: Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas	27
Considerações Finais.....	31
Referências bibliográficas.....	32
Anexo de imagens.....	34

1ª parte: Histórias de vida de memória

Por volta dos meus 10 anos de idade tive uma experiência social, que acredito, lembrarei pelo resto da minha vida. Morava próximo ao centro na cidade de Cataguases, em um bairro chamado Vila Tereza. Nesse bairro havia um cortiço com o nome de Beco do Zé Linco. Local repleto de casas geminadas que mais pareciam barracos. Numa dessas casas morava um dos meus amigos de infância que até hoje não sei o nome real, pois todo mundo o chamava de *Quinquim*. Um negro, assim como todos moradores que já tinha visto naquele cortiço. Até que conheci Vítor, menino um pouco mais novo do que eu e *Quinquim*, e que foi responsável por me mostrar o quão prejudicial a falta de conhecimento pode ser. Vítor foi o primeiro garoto branco, loiro e de olhos claros que eu vi em situação de pobreza. Não que a pobreza não estivesse presente na minha casa, mas enquanto eu me preocupava se poderia comer alguma sobremesa no final de semana, *Quinquim*, Vítor e os outros moradores do Beco do Zé Linco ficavam receosos de lhe faltarem arroz e feijão na panela no dia seguinte. Mas ao contrário de *Quinquim* e os seus vizinhos de cortiço que eu já havia conhecido, Vítor foi responsável por me deixar estupefato com o seu estado de pobreza, pois até conhece-lo, não havia uma pessoa branca e loira que houvesse conhecido em situação tão vulnerável. Assim que cheguei em casa fui contar aos meus pais, assustadíssimo sobre o fato de Vítor possuir essas características físicas e ainda assim não ser rico. Ao contrário de uma explicação eu ganhei uma bronca e continuei minha vida, por anos ainda, sem entender aquela situação.

Somente aos 21 anos de idade tive a oportunidade de compreender realmente o processo sócio histórico que fez eu associar a imagem do *negro* à pobreza, e do *branco* à riqueza. Nessa época estava matriculado no curso de História da Faculdades Integradas da cidade de Cataguases (FIC), e lá tive contato com matérias fundamentais para que desenvolvessem em mim respeito à cultura afro e compreensão da situação negra no Brasil atual. O curso me ofereceu oportunidades de conhecer áreas como a antropologia, sociologia e de frequentar palestras com a temática Afro-Brasileira. E como principal propulsora desse meu despertar, tive a disciplina História da África. Mais tarde, saio da FIC e me transfiro para a UFJF. Nesta instituição, continuo me mantendo no curso de História e é nele que tenho a oportunidade de cursar o Tópico de História Econômica e Social, ministrado pela professora Fernanda Thomaz, onde eu percebi as muitas oportunidades de estudos que o continente africano oferecia.

Se o adulto que sou hoje, se envergonha de já ter sido tão racista a ponto de se comover mais com a pobreza branca do que com a negra, sei que isso se deve exatamente a formação que eu tive no meio acadêmico, com todas as experiências relatadas acima. O caso relatado na minha infância certamente não é o único momento racista da minha história, mas sim o que mais me marcou. Hoje me considero pardo, e até esta questão identitária eu sei que devo ao ensino acadêmico. Apesar de achar que já deveria ter contato com a História Africana no ensino fundamental e médio, me considero com sorte por ainda assim conseguir conhecer um pouco da História Africana e seus desdobramentos no Brasil. Pois, desde a implantação da lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, muito pouco foi feito em prol do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira além de comemorações anuais do 20 de novembro. Eu passei todo o meu ensino fundamental e médio (que foi concluído em 2009) tendo o que eu possuía de preconceito praticamente alimentado. Os livros didáticos em que eu estudei permitiam a construção de um gráfico de popularidade. Onde em cima, com cargos altos e postura ereta apareceriam quase sempre a imagem do branco; muito mais abaixo e mesmo assim representada vez ou outra com mais dignidade, a imagem do índio; pouco mais abaixo do índio encontraríamos os negros. A única imagem que me recordo onde não apareciam trabalhando como escravos ou sendo torturados é a que representava Zumbi dos Palmares. Por outro lado, professores que nunca tiveram contato com a História da África ou Afro-Brasileira, nem se arriscavam a tratar do assunto.

Como futuro professor, isso me assusta muito, pois apesar de ter conhecido e estudado disciplinas como História da África, sei que o que foi visto é muito pouco. Enquanto passei todos meus anos de estudo conhecendo a História Europeia, a soma de tudo o que conheci da História Africana não preenchem matérias nem para um período de uma licenciatura em História. Nesse sentido, acho fundamental essa chance de me especializar em História da África, pois percebo o quão grande e importante é a história desse continente para se conhecer o Brasil e o mundo. A África negra e todos os seus reflexos na questão social do Brasil, acabam chamando mais minha atenção. Mas sei que o continente vai além disso, e isso também me agrada. Toda a miscelânea de aprendizados que esse continente possui é algo que me atrai muito a conhecê-lo de maneira mais densa. Portanto, motivos profissionais e pessoais me levaram a buscar uma Especialização em História da África.

2ª parte do portfólio: Repensando a Aprendizagem

Por questões que não cabe mencionar nesta segunda parte do portfólio, eu estou desempregado. Portanto, me proponho a fazer mais uma análise da minha mudança postural perante a temática negra e africana do que uma relação com a prática no sentido profissional. Não deixando de enxergar minha mudança de postura como um modo de prática, que possivelmente moldará minha prática profissional. Buscarei mostrar como o curso foi importante para mim até agora, me possibilitando conhecer novos pontos de vista e construir o meu próprio.

Desde o início do curso tem se operado em mim uma constante transformação, possibilitada graças ao conhecimento proporcionado por ele. A primeira mudança que percebi foi a noção de como o racismo ia além do que eu imaginava. Perceber que o racismo foi considerado uma forma de conhecimento, adquirindo inclusive “status” científico, foi uma mudança de paradigma que me acompanha tanto durante o curso como em outros momentos.

Saber como o racismo opera e como ele pode ser destrutivo fez de mim um vigilante constante sobre as minhas práticas e também dos outros. Pois o racismo no Brasil, não dá a cara à tapa, aparece em tons de brincadeira ou naturalizado de tal forma que muitas vezes passa despercebido aos menos atentos. Uma piada racista só deixa de possuir graça, quando se tem a compreensão de quão mesquinha e pretenciosa é a ideia da superioridade branca.

Portanto, o primeiro módulo foi capaz de mostrar não só as várias facetas do racismo e a importância de conhecê-las para combatê-las. Mas também a importância de se conhecer a História da África. Entender o negro como construtor de sua própria História, fugindo da noção muitas vezes apresentada de que a África passa a ter importância a partir da chegada dos brancos.

No Brasil, não raras vezes as conquistas dos negros são creditadas aos brancos. Em um processo de esquecimento de toda a luta empreendida pelos negros, as escolas passam a ideia de que se o negro hoje possui algum direito, deve isso à benevolência do branco. A própria existência da lei 10.639 que busca a proliferação de uma escola mais plural, derruba essa ideia, pois ela é o resultado da luta dos vários movimentos negros da sociedade brasileira.

Durante o curso, foi possível perceber como que apesar da criação da lei 10.639 em 2003, as escolas ainda estão muito longe de cumpri-la. O que fez com que eu percebesse a

importância de estar fazendo parte deste curso, em que visa fazer cumprir esta lei. A importância também de estar ciente de toda a luta para que esta lei fosse implementada e a razão dessa luta. Trabalhar em cima da lei 10.639 requer postura política, que só pode ser conquistada através do conhecimento. Assim, o conhecimento adquirido dentro de sala semana pós semana, faz com que eu perceba a minha importância como sujeito histórico.

A noção de que a historiografia brasileira até o séc. XIX enxergava o negro pelo viés do racismo científico ou pelo positivismo e que é esta a história privilegiada no currículo escolar, principalmente a que vê o negro apenas como objeto econômico. Faz-se necessária, para uma tomada de consciência do professor, e de sua mudança de postura em relação ao tema.

Algo que me marcou em relação ao “drible” das adversidades apresentadas dentro da sala de aula. Foi quando a professora Maria Telvira propôs:

O seu livro didático é um importante documento da história ensinada que precisa ser analisado, explorado e problematizado. Por exemplo, como seu material didático apresenta e discute a história dos afro-brasileiros e também africana? Que tipo de imagens e textos são utilizados para falar do processo histórico desse povo no Brasil? As ilustrações apresentam a diversidade étnica brasileira? (CONCEIÇÃO 2010, p 147).

Ela traz uma forma de trabalhar a criticidade do aluno com um material proporcionado pela própria escola. Desta maneira, mesmo um livro que não cumpra em nada as determinações da lei 10.639 poderia ser de grande valia para um professor que tenha conhecimento, ou seja, mais do que material apropriado, o que falta para fazer valer a lei é a capacitação do professor.

O estudo de África tem sido a descoberta de um novo mundo. Isso me faz ver o quão ignorante sobre o continente eu sou: música, filosofia, maneiras de preservar a história, arranjos sociais, pinturas, esculturas, estética, religião, etc. São tantas nuances que uma vida é muito pouco para conhecê-las. Impossível negar a autonomia cultural africana.

Eis que, percebo que cresceu em mim, naturalmente, uma tomada de partido sempre em que o assunto é a África ou o negro. Não dá mais para ficar em cima do muro quando se está entre amigos ou família, e surge uma piada desmerecendo o negro ou a África; quando o candomblé ou umbanda viram motivo de piada enquanto se é exigido respeito pelo

catolicismo, por exemplo; quando a África é mencionada em um jornal como se fosse um país; quando alguém insiste em dizer que o negro se faz de vítima; entre inúmeras outras situações semelhantes. O curso me fez ver que conhecer e ensinar a história da África exige uma postura consciente e crítica. No contexto em que estou inserido, não consigo perceber o ensino de história da África desvinculado de uma postura política.

3ª parte: Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas

Sou licenciado em História, apesar de ainda não lecionar, pensei esta proposta de intervenção como uma oportunidade futura de trabalho em sala de aula. Minha proposta seria trabalhar com turmas do 1º ano do Ensino Médio sobre tradição oral africana⁹ durante as aulas de História. A intervenção tem uma duração média prevista de 4 horas/aulas. Pensei esta sequência por acreditar que o tema pode despertar o interesse dos alunos, e como exige certo grau de maturidade e conhecimento adquirido escolhi o Ensino Médio. A proposta de intervenção irá partir do despertar dos alunos para o perigo de uma história única. Seguido do ensinamento sobre a tradição oral africana e de uma proposta final de reflexão.

Quanto ao tema escolhido, me apoio em Hampaté Bá que diz: “nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie (tradição oral), pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (BÂ, 2010, p. 267). O que torna a tradição oral fundamental para entender a História da África.

Não bastasse essa relevância por si só, a tradição oral africana introduz o estudante a uma nova maneira de percepção de mundo, onde a fala possui tanto valor quanto um documento escrito. Sendo inclusive a história contada apenas através dela. O tema ainda

⁹ Sobre o assunto cabe mencionar a fala de J. Vansina: “Uma tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte. Mas nem toda informação verbal é uma tradição. Inicialmente, distinguimos o *testemunho ocular*, que é de grande valor, por se tratar de uma “imediate”, não transmitida, de modo que os riscos de distorção do conteúdo são mínimos. Aliás, toda tradição oral legítima deveria, na realidade, fundar-se no relato de um testemunho ocular. O *boato* deve ser excluído, pois, embora certamente transmita uma mensagem, é resultado, por definição, do ouvir dizer. Ao fim, ele se torna tão distorcido que só pode ter valor como expressão da reação popular diante de um determinado acontecimento, podendo, no entanto, também dar origem a uma tradição, quando é repetido por gerações posteriores. Resta, por fim, a tradição propriamente dita, que transmite evidências para as gerações futuras” (VANSINA, p. 142).

apresenta ao estudante uma nova cosmovisão, onde a separação cartesiana ocidental não dá conta de explicar. Contribuindo para o entendimento de culturas diferentes e a quebra de preconceitos.

Como introdução ao tema na primeira aula vamos trabalhar com a fala da escritora nigeriana Chimamanda Adichie que possui um vídeo chamado “O perigo da história única” onde a mesma fala durante uma palestra sobre como as pessoas imaginam ser a África e sobre como as informações podem formar em nossa mente uma imagem limitada e errada sobre a história de um povo ou de uma pessoa. O vídeo está disponível no site youtube, legendado. Após assistir o vídeo com os alunos irei fazer algumas reflexões com os alunos sobre como o que ouvimos pode influenciar a opinião que formamos e o perigo que isso representa já que muitas vezes formamos imaginários que não condizem com a realidade. Destacando como isso acontece quando pensamos no continente africano e lembrando-os do seguinte trecho da fala da autora:

Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com em segundo lugar. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente.

Fundamental para que os estudantes percebam o valor que a fala possui em África a ponto de se tornar o mecanismo principal de transmissão de conhecimento, é mostra-los o valor sagrado em que ela está envolta. Por isso, na segunda aula trabalharei com eles o mito de criação das tradições da savana ao sul do Saara. Que Hamaté Bâ apresenta no seu texto “A origem divina da Palavra” (presente no capítulo: “A tradição viva” que faz parte do livro “História Geral da África vol.I”). Deixando claro que na tradição africana a fala é como um dom divino. O texto segue abaixo:

Como não posso discorrer com autenticidade sobre quaisquer tradições que não tenha vivido ou estudado pessoalmente – em particular as relativas aos países da floresta – tirarei os exemplos em que me apoio das tradições da savana ao sul do Saara (que antigamente era chamada de Bafur e que constituía as regiões de savana da antiga África ocidental francesa). A tradição bambara do Komo ensina que a Palavra, *Kuma*, é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, *Maa Ngala*, criador de

todas as coisas. Ela é o instrumento da criação: “Aquilo que *Maa Ngala* diz, é, proclama o chantre do deus Komo.

O mito da criação do universo e do homem, ensinado pelo mestre iniciador do Komo (que é sempre um ferreiro) aos jovens circuncidados, revela-nos que quando *Maa Ngala* sentiu falta de um interlocutor, criou o Primeiro Homem: *Maa*.

Antigamente a história da gênese costumava ser ensinada durante os 63 dias de retiro imposto aos circuncidados aos 21 anos de idade; em seguida, passavam mais 21 anos estudando-a cada vez mais profundamente.

Na orla do bosque sagrado, onde Komo vivia, o primeiro circuncidado entoava ritmadamente as seguintes palavras:

‘*Maa Ngala! Maa Ngala!*

Quem é *Maa Ngala*?

Onde está *Maa Ngala*?’

O chantre do Komo respondia:

‘*Maa Ngala* é a Força infinita.

Ninguém pode situa-lo no tempo e no espaço.

Ele é *Dombali* (Incognoscível)

Dambali (Incriado – Infinito)’.

Então, após a iniciação, começava a narração da gênese primordial:

‘Não havia nada, senão um Ser.

Este Ser era um Vazio vivo, a incubar potencialmente as existências possíveis.

O Tempo infinito era a moradia desse Ser-Um.

O Ser-Um chamou-se de *Maa Ngala*.

Então ele criou ‘*Fan*’,

Um Ovo maravilhoso com nove divisões

No qual introduziu os nove estados fundamentais da existência.

Quando o Ovo primordial chocou, dele nasceram vinte seres fabulosos que constituíram a totalidade do universo, a soma total das forças existentes do conhecimento possível.

Mas, aí nenhuma dessas vinte primeiras criaturas revelou-se apta a tornar-se o *interlocutor* (*kuma-nyon*) que *Maa Ngala* havia desejado para si.

Assim, ele tomou de uma parcela de cada uma dessas vinte criaturas existentes e misturou-as; então, insuflando na mistura uma centelha de seu próprio hálito ígneo, criou um novo Ser, o Homem, a quem deu uma parte de seu próprio nome: *Maa*. E assim esse novo ser, através de seu nome e da centelha divina nele introduzida, continha algo do próprio *Maa Ngala*’.

Síntese de tudo o que existe, receptáculo por excelência da Força suprema e confluência de todas as forças existentes, *Maa*, o Homem, recebeu de herança uma parte do poder criador divino, o dom da Mente e da Palavra.

Maa Ngala ensinou a *Maa*, seu interlocutor, as leis segundo as quais todos os elementos do cosmo foram formados e continuam a existir. Ele o intituiu guardião do Universo e o encarregou de zelar pela conservação da Harmonia universal. Por isso é penoso ser *Maa*.

Iniciado por seu criador, mais tarde *Maa* transmitiu a seus descendentes tudo o que havia aprendido, e esse foi o início da grande cadeia de transmissão oral iniciatória da qual a ordem do Komo (como as ordens do Nama, do Kore, etc., no Mali) diz-se continuadora.

Tendo *Maa Ngala* criado seu interlocutor, *Maa*, falava com ele e, ao mesmo tempo, dotava-o da capacidade de responder. Teve início o diálogo entre *Maa Ngala*, criador de todas as coisas, e *Maa*, simbiose de todas as coisas.

Como provinham de *Maa Ngala* para o homem, as palavras eram divinas porque ainda não haviam entrado em contato com a materialidade. Após o contato com a corporeidade, perderam um pouco de sua divindade, mas se carregaram de sacralidade. Assim, sacralizada pela Palavra divina, por sua vez a corporeidade emitiu vibrações sagradas que estabeleceram a comunicação com *Maa Ngala*.

A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente.¹⁰

Este texto mostra a divindade da Palavra, e como ela se torna sagrada ao entrar em contato com o homem. O próprio Criador (*Maa Ngala*) irá ensinar ao Homem através dela, e o Homem (*Maa*) aos seus descendentes. Dando início à cadeia oral de ensinamento presente nas sociedades tradicionais africanas.

A fala seria a manifestação da força dada pela divindade ao homem, tendo a capacidade de ser boa, ruim ou neutra. A função dela seria harmonizar o homem à natureza e à sociedade que o cerca. Portanto o valor dado ao que se fala é enorme, com Hampaté Bâ ressaltando:

Por esse motivo a maior parte das sociedades orais tradicionais considera a mentira uma verdadeira lepra moral. Na África tradicional, aquele que falta à palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Ele se separa de si mesmo e da sociedade. Seria preferível que morresse, tanto para si próprio como para os seus (Bâ 2010).

J. Vansina diz: “O historiador deve iniciar-se, primeiramente, nos modos de pensar da sociedade oral, antes de interpretar suas tradições” (VANSINA, 2010). Entendo que o “historiador” poderia ser substituído pelo estudante nessa frase. Por isso, além do que já seria trabalhado na segunda aula, na terceira aula apresentaremos como o respeito pela palavra e o sentido que ela carrega, leva à criação de mecanismos de aprendizagem e garantia da autenticidade que cercam os tradicionalistas. Com isso mostrarei como as sociedades tradicionais africanas preservam sua história ao longo de gerações.

Nas sociedades tradicionalistas africanas tudo é história (o que chamamos de botânica por exemplo, por eles seria chamada de história dos vegetais). Mas enquanto entendemos a História como a história do homem, em África esta é entendida como a uma das histórias, mas a mais importante. Portanto, em uma sociedade onde o conhecimento se dá pela oralidade, dá

¹⁰ BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: Unesco Representação no Brasil, 2010. Cap. 8. p. 167-212, p. 170-172.

para se compreender o compromisso com a verdade já relatado e como a mentira é entendida como uma das falhas morais mais torpes, perdendo o seu cargo o tradicionalista que faltar com a palavra. Não esquecendo ainda que quem mente está corrompendo algo sagrado.

Os tradicionalistas “são os grandes depositários da herança oral (...). Memória viva da África, eles são suas melhores testemunhas” (BÂ, 2010). Tendo assim, mais compromisso com a verdade do que qualquer outro. O tradicionalista mais respeitado não é aquele que domina mais histórias, mas aquele que adequa sua vida ao que fala. O auto reconhecimento dos próprios erros e o respeito e controle pelo que é dito que dá respeitabilidade dos africanos ao tradicionalista.

Continuando a demonstrar os mecanismos que buscam garantir a fidelidade da História Oral em África. Mostrarei a presença das duas testemunhas que já conhecem a história contada pelo tradicionalista e que visam corrigi-lo caso ele fale algo de errado. A autenticidade da fala está ligada à sua origem, assim a busca por relatar a história do modo em que ela foi escutada ocorrerá em não raras situações. “A palavra transmitida pela cadeia deve veicular, depois da transmissão original, uma força que a torna operante e sacramental” (BÂ, 2010). O tradicionalista ainda é ensinado desde criança pela família, com lições dadas através da sua vivência, além de terem o ensino esotérico ministrado nas grandes escolas de iniciação.

A quarta e última aula será focada na reflexão a respeito do uso da fala. Rememoraremos o sentido mágico que elas possuem na tradição africana. E como podem ser manipuladas para o bem ou para o mal. Baseados nas aulas passadas sobre o poder e importância da fala para as sociedades tradicionais africanas. Irei chama-los para uma nova reflexão, que dessa vez será a discussão em uma roda de conversa, que terá perguntas provocadoras como: “Em nossa sociedade existe respeito pelo que é falado”? “Como você tem utilizado sua fala no dia-a-dia”?

Considerações Finais

Todas as aulas durante o ano, semana pós semana, sempre despertando novas reflexões. Não raras vezes cheguei em uma sexta à noite ou sábado à tarde em casa empolgadíssimo com o que aprendi na aula. E para melhorar, conseguindo despertar interesse em meus ouvintes sempre que mencionava o conteúdo que aprendi. Sempre que vejo uma

“fresta” que me permita de alguma forma introduzir a História da África em uma conversa, é isso que faço. Ela foi e (apesar de uma certa abertura) continua sendo renegada nos currículos escolares, de tal forma, que sei que apenas por dizer que estou cursando uma Especialização em História da África em uma Universidade Federal já pode fazer com que a maneira do ouvinte pensar o continente ganhe uma melhora.

Termino o curso com a certeza que minhas expectativas ditas na carta de intenção para ocupar uma vaga foram atendidas. Lógico que tem muito a se aprofundar sobre a temática. Mas o caminho já foi mostrado.

A sensação de dever é inevitável. Eu, formado em História, não conseguirei trabalhar uma História eurocêntrica em sala de aula. Não posso deixar que meus alunos pensem que os únicos registros dos negros na História foram como escravizados. Quero saibam da existência de inúmeras línguas e religiões presentes na África. Que conheçam Fela Kuti, Miriam Makeba, Ali Farka Touré e tantos outros músicos fenomenais do continente. Quero que saibam que lá está presente os maiores autores de língua portuguesa do mundo. Que conheçam a bela maneira dos tradicionalistas africanos se relacionarem com a natureza. Que saibam que na África é produzido cinema, com nomes como o de Ousmane Sembène sendo sucesso mundial. Quero que saibam o processo histórico que culminou na ausência da história da África em seus currículos. E tanto mais...

Vivemos em um país racista, reconhecer isso é fundamental para agir em um processo de mudança, por isso desejo tanto trabalhar esses temas em sala de aula. Mostrar agentes produtores de conhecimento onde muitas vezes o estudante está acostumado a ligar apenas natureza selvagem e miséria, é primordial para o fim de uma cadeia de preconceitos alimentada pela ignorância. O estudo da História da África tem sido um catalisador para que eu persista em dar aula.

Referências bibliográficas

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: Unesco Representação no Brasil, 2010. Cap. 8. p. 167-212

CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. O trabalho em sala de aula com a história e a cultura afro-brasileira no ensino de história. In: BRASÍLIA. Margarida Maria Dias de Oliveira. Ministério da Educação. **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010. Cap. 6. p. 131-159. (Coleção Explorando o Ensino).

TED. **Chimamanda Adichie**: O perigo da história única. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: Joseph Ki-Zerbo. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. Cap. 7. p. 139-166.

Anexo de imagens

Imagem 1. Aula inaugural da Especialização.

Imagem 2. Prof. Robert Daibert Junior e a profa coordenadora do Pós-Afrikas Fernanda do Nascimento Thomaz. Dia de muita expectativa da minha parte.

Imagem 3. Prof Mahfouz Ag. Adnane e os alunos da Especialização em História da África. Aula marcante não só por Mahfouz ser um tuaregue, mas também pela sua apresentação.

Imagem 4. Profa coordenadora do Pós-Áfrikas Fernanda do Nascimento Thomaz e os alunos da Especialização em História da África. Aulas marcantes!

Imagem 5. Imagem de mestres contadores de história da África Ocidental. Ilustrando o tema abordado por mim na terceira parte deste portfólio.



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5